

Homem Aranha ambulante

Na minha mão é dois reais, para adoçar a sua viagem, oferecia o primeiro ambulante.
Ainda sonolento pegou logo a bala de framboesa que saboreava com toda a delicadeza
Eram quase cinco da manhã e pela janela o tímido sol se abria
Aquecendo o interior daquele vagão.
Dia que era só de verão.

Trago aqui aquele fone de ouvido indispensável ao seu destino, anunciou o segundo.
Esticou a mão enquanto apreciava a paisagem pelo vidro ao seu lado
E já era seu o pequeno adereço que conectou perfeito ao seu aparelho
Aliviando o percurso até seu novo cliente, distante minutos além de quarenta.

Na parada da próxima estação ouvido atento à música de sua seleção
Nem percebera que seu ídolo entrara personificado
Entre um passageiro e outro passava, mostrando a grande habilidade
Sem incomodar os mais de seis por metro quadrado.
Sentiu a vibração do show em exibição
A estrela do momento era o próprio Homem Aranha em ação
Que só se vê naquele vagão.
Aplaudido e agradecido por certo passou o chapéu e recolheu a discreta contribuição.

Antes de descer na próxima parada, meu senhor e minha senhora
Dá uma olhada na Super Cola, de efeito na hora, para plástico, borracha, papel e metal
Na loja uma é dez, é dez, mas na minha mão é duas por dez real.
Oferecia o marqueteiro pós-graduado em vendas e marketing, sangue de empreendedor na veia
Que teve seu estoque zerado até o final da viagem.

Destinos cruzados nos carros da Central
Passageiros formando entre uma baldeação e outra o palco ideal para a economia informal.
Na última estação desceu rapidamente levado pelo impulso de toda aquela gente
Foi ser mais um na multidão
Para repetir ao se pôr o sol cada parada até a primeira
Onde descansa o corpo e o coração.

Autora: Yara Assis Rezina